



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do Cartão Família Carioca**

Rio de Janeiro-RJ, 07 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meus companheiros ministros, Carlos Gabas, da Previdência Social; Márcia Lopes, do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome; Marcio Fortes, das Cidades,

Meu querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,

Nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Senador Marcelo Crivella,

Senador Lindberg Farias,

Meu caro companheiro ex-ministro da Igualdade Racial e deputado federal, Edson Santos,

Vereador Jorge Felipe, presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ô Eduardo, se esse cara é tão competente como presidente da Câmara, elege ele deputado federal para ele ser presidente da Câmara.

Meu querido companheiro Pedro Paulo Teixeira, secretário municipal e chefe da Casa Civil,

Nossa querida Suzana de Oliveira Guido, a nossa beneficiária que falou em nome de todos vocês,

Companheiros e companheiras,

Há uma coisa, Sérgio, que este ato me faz lembrar. Em 1994, Mandela tinha acabado de ser eleito presidente da África do Sul, tinha derrotado o *apartheid*... vocês sabem que na África do Sul, um país em que 26 milhões de



negros eram governados por seis milhões de brancos... e o Mandela, que passou 27 anos na cadeia, quando ele sai da cadeia, ele vira presidente da República da África do Sul. Eu fui visitar o Mandela e quando eu cheguei em Joanesburgo, eu fui visitar o Palácio, o que a gente percebia, na alegria do povo, é que o Mandela ainda não tinha resolvido os problemas do povo pobre da África – nem tinha dinheiro e nem dava tempo. Mas a alegria do povo não era pelo fato de o Mandela ter feito alguma coisa para ele. Era que eles estavam conseguindo colocar a mão no Palácio, que antes eles não podiam passar nem um quilômetro perto. Eles estavam tocando na parede, em cada tijolo, andando dentro do Palácio, visitando o Palácio. Eles tinham conquistado uma coisa que era deles.

Por que eu comecei falando do Mandela? Meu querido Sérgio Cabral, você é carioca, nascido aqui no Rio de Janeiro, eu tenho dito publicamente que você é o mais carioca de todos os governantes que o Rio de Janeiro já teve. O Sérgio Cabral tem o sentimento do carioca, conhece os sambas mais do que qualquer carioca, chora como carioca, é malandro como o carioca, é o jeito do carioca, pronto. Mas você conhece bem – o Eduardo Paes também nasceu por aqui, o Pezão há muito tempo frequenta aqui –, eu duvido que já tenha tido um prefeito na cidade do Rio de Janeiro que tenha trazido o povo pobre do Rio para ocupar o espaço dentro do Palácio.

O que você está fazendo, Prefeito, é quebrando um tabu histórico, porque pobre só vale mais do que rico em época de eleição. Como nós somos maioria, qualquer candidato vai para a televisão falar mal de banqueiro, esculhamba banqueiro, esculhamba. Até o próprio banqueiro esculhamba banqueiro. Até empresário esculhamba empresário, mas ninguém tem coragem de falar mal de pobre. Pobre, naqueles 45 dias que antecedem a eleição, vira ouro, vira ouro. Então, o cara vai lá e mete o pau no empresário, mete o pau não sei onde, mete o pau no classe média, mete o pau... mas pobre é preservado. Nego... as pessoas beijam, as pessoas abraçam, as pessoas



cuidam. Isso, historicamente, as pessoas esqueciam no dia seguinte que terminavam as eleições.

Eu não sei se vocês perceberam que as coisas estão mudando. Eu não sei quantas vezes, na história do Rio, um presidente, um prefeito e um governador foram fazer tanta visita às comunidades mais pobres do Rio de Janeiro. Nunca. Eu nunca conheci, na história deste país, algum momento em que as autoridades estivessem, quase em todo o território nacional, tendo a preocupação de recuperar o direito e a dignidade da parte mais pobre da população.

Isso só é possível acontecer quando há afinidade de princípios entre as pessoas que governam a cidade, governam o estado e governam o Brasil. Se a gente tivesse aqui um governador, como nós já tivemos, que não queria nada com o presidente porque ele queria disputar o cargo do presidente, ou tivesse um prefeito que teve a coragem de mandar uma carta para mim num encontro de prefeitos em Goiás, dizendo que eu fui o presidente que mais colocou dinheiro no Rio de Janeiro nos últimos 30 anos, mas que nunca teve coragem de me receber no aeroporto, as coisas não andam, porque aqui não se cadastrou as pessoas para o Bolsa Família, não se queria cadastrar. Aliás, aqui no Rio de Janeiro, nem médico de família eles queriam. Era como se pobre fosse apenas de interesse dos nossos gênios da música, dos nossos compositores, ou uma coisa de polícia. O governante não tinha nada a ver com os pobres.

Quando o Sérgio Cabral foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro, é importante vocês lembrarem que no primeiro turno da eleição de 2006, eu e Sérgio Cabral não estávamos juntos no primeiro turno. Ele... o PMDB não me apoiava, decidiu apoiar o Serra, e o Cabral fez uma campanha e eu fiz outra campanha. O Alckmin, o Alckmin. Como Deus está lá de cima enxergando mais do que nós, e Deus certamente conhecia a nossa alma, nem ele ganhou no primeiro turno, nem eu ganhei no primeiro turno. E aí tivemos



que nos encontrar. Quando nós nos encontramos, foi quase como se nós estivéssemos fazendo um pacto, e a gente dizia: “Se a gente ganhar, a gente vai provar que o Rio de Janeiro e o governo federal vão, pela primeira vez, trabalhar tão juntos, que as pessoas não vão saber quem é presidente, quem é governador, quem é governador, quem é presidente, porque nós vamos trabalhar juntos”.

Hoje, ao faltar 24 dias para terminar o meu mandato, eu posso dizer para vocês que eu duvido que tenha existido algum momento na história do Rio de Janeiro em que o governo federal, o governo estadual e o governo municipal estivessem trabalhando com tanta harmonia, tão entrosados, porque quando a gente se entrosa, quem ganha é o povo; quando a gente briga, quem perde é o povo.

Eu acho que a reeleição do companheiro Sérgio Cabral foi uma dessas coisas boas que tinham que acontecer, porque a gente não poderia parar tudo que vem acontecendo no Rio de Janeiro, não poderia parar. Eu estou convencido de que daqui a oito, nove anos... essas coisas, também, a gente não consegue fazer do dia para a noite, leva um tempo. Mas, a continuar o ritmo que está sendo imprimido por este estado e por esta cidade, a gente vai poder, daqui a dez anos – qualquer um de nós –, subir com a família em qualquer morro do Rio de Janeiro sem ter nenhuma preocupação com bandido ou com traficante.

Eu disse ao companheiro Sérgio: nessas coisas, a gente não pode vacilar. A gente só tem cuidado é que pessoas inocentes não sejam machucadas e que não “paguem o pato”. Mas não é possível que a gente não utilize tudo o que a gente puder utilizar para garantir que as mulheres de bem e os homens de bem possam viver tranquilamente em qualquer metro quadrado da cidade do Rio de Janeiro e do estado do Rio de Janeiro. Então, o Exército entrou lá junto com o Sérgio, ficará lá quanto tempo for necessário, porque nós temos que provar que o Estado, chegando às comunidades – levando escola,



levando cultura, levando possibilidade de emprego, levando formação profissional, levando saúde, levando condições de vida –, o Estado pode vencer o crime organizado aqui no Rio e em qualquer lugar deste país.

Eu quero dar os parabéns ao Prefeito. Prefeito, muita gente – e você sabe que tem – que deve ter escutado você falar aqui, no seu pronunciamento e deve estar dizendo: “É, mais uma esmola. Este moço aprendeu com o Lula: vai dar esmola. (incompreensível) emprego. Precisava dar emprego, este povo precisa trabalhar. Este povo não precisa de ajuda. Eles estão criando é um bando de vagabundos”. É assim que falam. Lamentavelmente, ainda tem gente que fala assim. O que essas pessoas ignorantes que falam isso não sabem é que cada ajuda que a gente der para uma pessoa pobre, a gente está permitindo que essa pessoa possa comer mais calorias e mais proteínas; a gente está permitindo que essa criança possa ter mais saúde; a gente está permitindo que essa criança possa ter oportunidade; a gente está permitindo que essa pessoa, ao se dirigir ao comércio e comprar uma coisa, esteja gerando um emprego. Esse emprego vai gerar mais uma encomenda na fábrica, que vai ter que contratar mais gente para trabalhar e vai produzir mais. Essas pessoas não percebem que é de grão em grão que a galinha enche o papo, e é de real em real que a gente vai salvar este povo da miséria a que ele foi submetido durante tantos e tantos anos.

Eu acho, companheiro Eduardo Paes, e espero que este teu programa possa servir de alento e de motivação para outros prefeitos do Brasil fazerem, porque se cada prefeito fizer um pouquinho, não custa caro para ninguém e quem ganha é a parte mais necessitada da sociedade.

Quero dar os parabéns ao Sérgio Cabral, porque além de tudo o que ele vem fazendo, acaba de assumir o compromisso de levar este programa para os outros municípios do Rio de Janeiro, o que é uma coisa extremamente importante.

Quero terminar, Sérgio, dizendo para você que eu não tenho dúvida



nenhuma de que você e o Eduardo Paes vão ter, na companheira Dilma, a mesma companheira que vocês tiveram em mim, e que ela vai tratar o Rio de Janeiro com o carinho com que precisa ser tratado, porque nos anos 50, nos anos 60 e nos anos 70, este estado foi abandonado. Não era para ter a quantidade de favelas que tem, não era para ter a quantidade de gente vivendo com narcotraficante, como vive hoje. É porque quem governou, alguns anos atrás, foi irresponsável e conviveu com os bandidos, fazia acordo com bandidos, e a gente não tem que fazer acordo com bandido. O nosso acordo é com os trabalhadores e as trabalhadoras deste país, é com as crianças deste país.

Portanto, companheiros e companheiras, eu quero, mais uma vez... eu ainda vou voltar ao Rio de Janeiro pelo menos mais duas vezes antes de deixar o mandato, mas eu quero, Sérgio, dizer na frente do teu povo mais humilde que nunca antes tinha pisado na grama deste Palácio... isto aqui era só para coquetel. Isto aqui era só para coquetel de gente chique, não era para coquetel de gente pobre. Está certo que nem água nos ofereceram, não é? Eu tomei um copinho, ali, de água quente. Mas, de qualquer forma, eu acho que isto aqui é uma mudança extraordinária. Vocês vão voltar para casa com a sensação, não de que estão levando R\$ 70 para ajudar no orçamento. Vocês vão voltar para casa com a consciência de que o povo pobre deste país vai ser tratado com respeito daqui para a frente e que nunca mais ninguém vai pisotear nas pessoas por serem negras ou por serem pobres.

Um grande abraço. Parabéns, Eduardo Paes; parabéns, Sérgio Cabral; e parabéns ao povo do Rio de Janeiro.

(\$211A)